

A FACULDADE DE MEDICINA DE CAMPINA GRANDE REPRESENTADA NOS RELATOS ORAIS DE MEMÓRIA

Romerino de Souza Andrade
(Mestrando em História-UFCG)
romerinoandrade@hotmail.com

Keila Queiroz e Silva
(Orientadora)

INTRODUÇÃO

Pensaremos a cidade de Campina Grande à maneira da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007), em que esta intelectual enfoca as diversas maneiras de se representar a cidade: escrita, falada e fotografada. Dito isso, nosso artigo pensará a cidade de Campina Grande representada a partir dos relatos orais de memória e do jornal Diário da Borborema. Conforme Sandra Pesavento (2007) a cidade:

(...) implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar (...) fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade, presentes naqueles que a habitavam. (...). (PESAVENTO, 2007, p.11)

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a Faculdade de Medicina enquanto um espaço produtor de um novo saber e práticas médicas na cidade de Campina Grande na década de 1960 e 1970. Para tal, nos apropriaremos do conceito de representação de Roger Chartier (1990), tendo em vista que o jornal e os relatos orais de memórias são representações da sociedade em dado espaço e período de tempo. Para tal, tentamos fazer uma releitura dos depoimentos orais no que se refere à Faculdade de Medicina de Campina Grande nas décadas de 1960 e 1970, momento este em que a cidade comemorava seu centenário de emancipação política.

Com isso, buscamos dar significados, pois qualquer texto é regido de subjetividades e entendido em sua pluralidade por parte de quem lê, no entanto, construímos as nossas leituras a partir do que trazem tanto os discursos jornalísticos como também os relatos

orais sobre esta instituição que representaria um marco histórico no desenvolvimento da cidade, enfocando estas fontes como algo que representa o real e não considerá-las como a verdade absoluta, trabalhando, dessa forma, com a verossimilhança.¹ Trabalhamos na perspectiva de Portelli (1997, p.16) à qual enfatiza que a fonte oral “representa a realidade não tanto quanto um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente, depois de reunidos”.

De acordo com Keila Queiroz e Silva (1999, p.111) na década de 60 “Campina Grande perde a patente de uma cidade comercialmente desenvolvida e conquista o título de uma cidade culturalmente desenvolvida”, pois conforme esta historiadora a cidade passa a se destacar no setor educacional. “Basta ver a fundação da URNE (Universidade Regional do nordeste), da UFPB-Campus II, da TV Borborema e do Teatro Municipal Severino Cabral, nesse momento histórico”.

Dito isso, adentramos nas décadas de 60 e 70, para pensarmos o que mudou no cotidiano da cidade de Campina Grande, tentando responder algumas questões que nos inquietaram no que diz respeito à Faculdade de Medicina, quais sejam: O que representou a instalação da Faculdade de Medicina para Campina Grande na década de 60 e 70? O que modificou no cotidiano da cidade? Que mudanças ocorreram no âmbito educacional, tecnológico, científico e cultural de Campina Grande com a instalação desta Escola Médica? A quem serviu a Faculdade de Medicina?

Vamos viajar no tempo, conhecer a importância que esta Faculdade representou para a cidade de Campina Grande, retratando o potencial de uma cidade do interior do Nordeste que prosperava e que se destacava como centro de atração no âmbito educacional, tecnológico e no setor da saúde. Apertem os seus cintos que já iremos decolar rumo às décadas de 60 e 70 do século passado! Que essa viagem nos faça refletir sobre as mudanças ocorridas numa cidade interiorana como Campina Grande, e a repercussão que teve esse centro urbano com a implantação de uma Faculdade de Medicina.

¹ Sobre representação recomenda-se: CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Brasil, 1990.

Faculdade de Medicina: formando Esculápios em terras campinenses

No Estado da Paraíba a primeira cidade a instalar uma Faculdade de Medicina foi a capital, sendo Campina Grande uma das pioneiras do interior nordestino a possuir uma Escola de Medicina. Segundo Humberto Nóbrega (1980, p. 221), a primeira Faculdade de Medicina foi instalada em João Pessoa na década de 1950 com o intuito de suprir a carência por profissionais da área de saúde. Na cidade de Campina Grande em plena década de 50, já usufruía dos serviços médicos de algumas instituições hospitalares, tais como o Hospital D. Pedro I, IPASE, a maternidade e, na década de 1960 o Hospital da FAP (Fundação de Assistência da Paraíba). Mas faltava uma instituição que estivesse direcionada para a transmissão do conhecimento da ciência médica, uma Faculdade de Medicina, sendo este ideal concretizado apenas no final da década de 60. Neste sentido, já havia na cidade profissionais da área médica, mas que teriam se formado em outras cidades, tendo em vista que faltava uma Escola Médica que servisse aos habitantes campinenses.

A instalação desta instituição provocou mudanças no cotidiano das pessoas, trazendo uma maior comodidade, principalmente para a elite local, que detinha um maior poder aquisitivo, pois nem sempre os mais populares tinham acesso a essas novas conquistas. Todavia, muitos estudantes campinenses continuaram a se deslocar para outras cidades, pois nem sempre conseguiam passar no vestibular para curso de Medicina em Campina Grande. Além disso, o ensino médico se manteve restrito à elite não apenas da própria cidade, mas também de pessoas abastadas de outras localidades que vinham estudar neste centro urbano.

Com isso, nota-se que em épocas de outrora a cidade de Campina Grande era palco de repulsão de estudantes que se deslocavam para outros centros urbanos para se formar em Medicina, com a instalação da Faculdade na cidade, Campina Grande passa a ser um espaço de atração de estudantes vindos de várias cidades do interior paraibano e de outras cidades brasileiras, tornando um espaço urbano de referência no âmbito da ciência médica. Mas mesmo, tendo uma Faculdade de Medicina na cidade, nem sempre esta instituição serviu em sua maioria alunos oriundos da “Rainha da Borborema”, como até hoje ocorre, pois mais de 50% dos alunos que estudaram e estudam nesta Faculdade são de outras cidades. Dessa forma, a cidade de Campina Grande aumentou

o número de habitantes, visto que o seu potencial no setor educacional, tecnológico e cultural atraía estudantes de outras localidades.

A Faculdade, fundamentada no conhecimento científico, basear seus estudos apenas na ciência e não na medicina popular, vista como superstições. No entanto, as ervas medicinais continuaram sendo utilizadas para curar determinadas doenças e recomendadas por médicos que se diziam pertencentes à Medicina dita científica. Neste sentido, percebemos que mesmo sendo legitimada a Medicina Científica em Campina Grande, ainda eram presentes as práticas da medicina popular, através dos usos das ervas medicinais, como nos conta o Sr. Severino:

No meu conhecimento, eu conheço a Medicina homeopática né, que inclusive os meus parentes, por exemplo,(...) meus parentescos usava muito a medicina vegetal, né.(...) ervas medicinais usava muito, mas ainda hoje tem a prática, né. Hoje está mais abrangente o pessoal tem mais conhecimento, né, inclusive tem algumas áreas na (...), que a Medicina reconhece a homeopatia né, como tratamento, daí eu conheço, nesta época tinha só, tanto usava a Medicina como usava hoje a homeopatia, né.²

Com isso, nota-se que o conhecimento médico científico se juntava, muitas vezes, ao conhecimento da medicina popular, através do uso das ervas medicinais.³No entanto, a indicação dos medicamentos deveria ser feita apenas por um profissional que estivesse cursado uma Faculdade de Medicina. Dessa forma, muitos curandeiros foram perseguidos e vistos como charlatães. Mas mesmo assim, as ervas medicinais foram e, ainda continuam sendo utilizadas para o tratamento de determinadas doenças, como nos mostra a senhora Maria Lúcia:

(...) Essa Medicina sempre vai ser praticada, né. Do começo do mundo já existia ela, pois entrando a homeopática que chama agora, da medicação, mas essa do pessoal do sítio, do mato, nunca morreu, e agora tá voltando, né, porque agora tá uma onda de(...) remédio do mato como o povo chama, né.⁴

² Relatos orais narrados pelo funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande Severino Jorge de Paulo, no dia 26 de Abril de 2011, na Faculdade de Medicina da UFCG.

³ Sobre o curandeirismo, medicina popular e medicina científica no Brasil ler: NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. São Paulo: Oficinas do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

⁴ Entrevista concedida por Maria Lúcia da Silva, funcionária do Laboratório de Microbiologia da Universidade de Medicina da UFCG. Data: 26 de Abril de 2011. Local: Faculdade de Medicina da UFCG.

Conforme os relatos orais, mais da metade dos alunos que compunham o curso de Medicina pertencia a outros centros urbanos, principalmente de cidades do Sertão da Paraíba, do Ceará, Piauí, João Pessoa, dentre outros espaços urbanos. O prédio onde se instalou o curso de Medicina foi construído no bairro de Bodocongó em um terreno doado pelo prefeito Williams Arruda (1964-1969), que exibiria uma imagem de progresso e de civilização pela qual passava Campina Grande, visto que nesta cidade seria instalado o ensino médico superior, o qual daria suporte aos futuros profissionais desta área.⁵

Conforme Chalhoub (2003, p.12) com a oficialização do saber médico, muitos praticantes da arte de curar como os curandeiros, benzedeiros e boticários passaram a serem denominados de charlatães pelos cientistas, pois acreditavam que o doente obteria a cura através de métodos científicos e não em crenças, vistas como atrasadas e que dificultava o progresso e o grau de civilização do país. Dessa forma, a medicina científica desejava monopolizar a arte de curar, retirando do seu caminho os praticantes da medicina popular que concorriam com os médicos oficiais.

De acordo com os relatos dos entrevistados para a nossa pesquisa em Campina Grande, mesmo os profissionais da área médica que passaram por uma Faculdade de Medicina, recomendavam o uso de ervas medicinais para a cura de determinadas doenças, considerando a medicina científica como mais eficaz, todavia mesclava o conhecimento da medicina científica com o conhecimento da medicina popular:

(...) Tem um médico aqui de Parasitologia que ele acreditava muito na medicina natural, professor Gonzaga, ele acreditava não, ele acredita, ele está aposentado (...), mas tem outros médicos, eu não estou lembrado o nome deles agora. Geralmente os médicos indianos que trabalhava aqui, eles acreditavam muito na Medicina natural né, que é (...). Aí, mas a maioria dos médicos era, usava a medicação normal.⁶

A partir desse relato, percebe-se que mesmo possuindo o conhecimento da ciência médica, alguns médicos da Faculdade de Medicina de Campina Grande, nos anos 60, acreditavam que as ervas medicinais curavam determinadas enfermidades.

⁵ “Terreno para medicina em Bodocongó”. **Diário da Borborema**. Campina Grande, 19-01- 1965.

⁶ Entrevista concedida por José da Guia Carneiro, funcionário do Núcleo de Apoio ao Ensino da Faculdade de Medicina de Campina Grande. Data: 24 de Maio de 2011. Local: Faculdade de Medicina da UFCG.

Com isso, até nos dias atuais, os médicos indicam o uso de plantas medicinais para o tratamento de algumas doenças.

Sociedade Mantenedora da Faculdade de Medicina

Não podemos abordar sobre a instalação da Faculdade de Medicina de Campina Grande, sem mencionarmos a Sociedade Mantenedora desta instituição, visto que ambas estão intimamente relacionadas, uma vez que a Sociedade Mantenedora foi criada na mesma época que a Faculdade de Medicina para organizar e instalar essa escola médica na cidade. Formada por médicos da cidade de Campina Grande que desejavam que este centro urbano tivesse uma escola médica, dentre esses médicos que estavam envolvidos na instalação dessa instituição, destacam-se: Dr. Firmino Brasileiro, Dr. Bezerra de Carvalho, Dr. Virgílio Brasileiro, Dr. Antônio Galdino, Dr. Hermes, Dr. Fernando Rabelo, entre outros.⁷ Será que os objetivos dos médicos eram apenas o de desenvolver Campina Grande através desta instituição ou formar uma Escola Médica na cidade para formar seus filhos em Medicina?

A Sociedade Mantenedora da Faculdade de Medicina, formada por médicos da cidade, tinha como meta instalar e organizar essa Escola Médica, sendo que ela teria sido fundada em 1964, ano do centenário da cidade, mas instalada apenas em 1968, com os excedentes de João Pessoa. Ela funcionou, primeiramente, como Faculdade particular, sendo federalizada quase dez anos depois da sua instalação.⁸

Esses médicos que estiveram envolvidos na instalação do curso de Medicina da cidade de Campina Grande foram também os primeiros professores desta instituição médica. Estes detentores do saber médico são referências, no que diz respeito à história da Medicina de Campina Grande. “Na época era só médicos, só médicos e, muitas vezes, quando outros entravam para a Mantenedora era médicos e eram professores e esses próprios médicos ficaram (sendo) professores da Faculdade de Medicina”.⁹

⁷ ATA da sessão de Assembléia Geral Extraordinária do dia 27/1/64.

⁸ Entrevista concedida pelo funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande José da Guia Carneiro.

⁹ Entrevista concedida pelo funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande José da Guia Carneiro.

De acordo com o funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande José da Guia Carneiro, durante a instalação da Faculdade de Medicina, ocorreu uma disputa entre as cidades de João Pessoa e Campina Grande, tendo em vista que a capital paraibana desejava instalar outra faculdade, todavia, os esculápios, que serviam a cidade de Campina Grande, acreditavam que estava no momento de a “Rainha da Borborema” possuir a sua própria escola Médica.¹⁰

Neste sentido, percebemos a disputa que sempre ocorreu entre as duas principais cidades paraibanas: Campina Grande e João Pessoa, visto que esses dois centros urbanos disputaram o trono de *urbs* moderna, desde que se reconheceram como cidades, adequando os espaços, os comportamentos dos habitantes e os hábitos, modificando o cenário dessas cidades, ou através das reformas urbanas, implantando equipamentos modernos, como energia elétrica, água encanada ou através da criação de instituições ditas modernas, é o caso de uma Faculdade de Medicina. Neste cenário, os governantes destas cidades disputavam o lugar de destaque destas cidades e, Campina Grande mesmo sendo uma cidade do interior concorria com algumas capitais nordestinas, inclusive a capital paraibana, pelo seu potencial de cidade que progredia nos setores industrial, educacional e tecnológico.

FAP: Hospital-Escola da Faculdade de Medicina

O Hospital da FAP, construído na década de 60, através da ajuda de verbas holandesas, esse espaço foi de extrema importância para o ensinamento das aulas práticas da Medicina, visto que foi este Hospital que serviu para os estagiários praticarem seus saberes médicos, atendendo aos pacientes que freqüentavam este espaço. Este Hospital tinha convênio com a Faculdade de Medicina, sendo o primeiro Hospital-escola da Faculdade de Medicina de Campina Grande, sendo depois substituído pelo Hospital Alcides Carneiro. De acordo com a senhora Maria Lúcia, o Hospital da FAP:

(...) era muito bem conceituado, que foi no tempo (...) das enfermeiras que vinham da Holanda, desse pessoal estrangeiro que vinha, era um Hospital de referência mesmo, era o Hospital da FAP. (...) A questão de Medicina era só

¹⁰ Entrevista concedida pelo funcionário da Faculdade de Medicina José da Guia Carneiro.

a Faculdade de medicina e o Hospital da FAP, depois foi que entrou o Hospital Alcides Carneiro, né. Aí, conseqüentemente a maternidade, aí foi convencionando e crescendo, né.¹¹

Na época da instalação, a cidade de Campina Grande passava por algumas transformações, principalmente no âmbito educacional e tecnológico, tendo em vista que na década de 60, os governantes desejavam elevar a cidade a partir da educação construindo escolas de nível superior na cidade tais como: a Escola Politécnica, Faculdade de Economia entre outras. Além de construções de hospitais que serviriam para os médicos estagiários colocarem em prática o conhecimento adquirido em sala de aula. Foi dessa forma que o Hospital da FAP e depois outros hospitais serviram de apoio para os futuros médicos colocarem em prática o que havia aprendido em sala de aula, através dos convênios que a Faculdade de Medicina passou a ter com os Hospitais da cidade.¹²

Neste sentido, apenas por volta de 1967 é que foram construídos outros hospitais, tais como a FAP, no bairro de Bodocongó, o Hospital Antônio Targino e o Hospital da CLIPSI, no centro da cidade. Com isso, percebemos que a concentração da rede-hospitalar campinense continuou sendo instalada próxima ao centro da cidade, com apenas algumas exceções como é caso do Hospital da FAP, o qual foi construído próximo a Faculdade de Medicina da cidade e serviu de Hospital-escola, para que os futuros médicos estagiassem neste espaço de tratamento médico.

Bem vindo ao *Chez moi*: Atendimentos aos populares no Hospital da FAP

Semelhante ao que executa, atualmente, os alunos do curso de Odontologia da UEPB, servindo à população de Campina Grande com serviços gratuitos para tratamento da saúde bucal da população da cidade, os estudantes do curso de Medicina das décadas de 60 e 70 prestavam serviços à população campinense através do Hospital da FAP, onde as pessoas podiam ser atendidas gratuitamente pelos médicos e estagiários da Faculdade.¹³

¹¹ Entrevista concedida por Maria Lúcia da Silva, funcionária do Laboratório de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande.

¹² Relatório Médico à Câmara de Ensino Superior, de 1968, p.2.

¹³ Entrevista concedida por Severino Jorge de Paulo.

Neste espaço denominado de *chez moi*¹⁴, as pessoas poderiam ser atendidas e diagnosticadas, tendo um atendimento médico gratuito, principalmente os populares, que não tinham condições de pagar uma consulta ou um tratamento médico. De acordo com a professora e Médica Maria do Carmo¹⁵, a denominação desta palavra significa “minha casa, meu lugar” e simbolizava o aconchego do paciente neste espaço, onde este indivíduo poderia se sentir a vontade. Com isso, era neste local onde os alunos e professores de Medicina “atendiam os pacientes, conseqüentemente cada professor tinha a sua turma de alunos para assistir o atendimento”.¹⁶ Neste local havia atendimento para crianças, gestantes, dentre outros atendimentos.

(...) era na FAP, chamava *chez moi*, não sei se a frase é essa, mas era uma área que ia o pessoal, com as criancinhas para esse setor que Dr. Virgílio atendia lá nesse setor lá. (...) é o *chez moi* lá, não sei se a frase é essa, mas é como se fosse uma atriagem(sic) para atendimento para criança nesse local lá na FAP. Era um centro lá que era daqui do CCBS, né, quer dizer não era bem dentro do Hospital, era afastado, daí qualquer caso eles iam para o Hospital (...) passava pelos médicos do curso de Medicina.¹⁷

Esse atendimento não ficava apenas restrito ao pessoal mais carente, mas também aos funcionários da Faculdade de Medicina que desejavam ser beneficiado com esse serviço médico: (...) geralmente era o pessoal da periferia ou senão gente que ia lá fazer consulta e mesmo a gente mesmo, funcionários que precisassem eles eram atendido lá no Hospital da FAP pelos profissionais.¹⁸

De acordo com Ecléa Bosi (1994, p.68) “(...) A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado (...)”.¹⁹ Neste sentido, a narração de algumas pessoas, como o senhor José da Guia Carneiro, a professora do curso de Medicina Maria do Carmo e a funcionária Maria Lúcia, pessoas que testemunharam a instalação da Faculdade de Medicina e a repercussão que este espaço produtor de um novo saber modificou o olhar sobre o corpo do paciente, visto que o estudo do corpo humano passou a ser estudado de forma mais específica, com o auxílio dos equipamentos modernos, tais como os laboratórios e microscópios, estes, por exemplo, possibilitaram o estudo das pequenas

¹⁴ Palavra francesa que significa minha casa.

¹⁵ Entrevista concedida pela professora aposentada Maria do Carmo. Professora do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Campina Grande entre os anos de 1971 até 1996.

¹⁶ Entrevista concedida por Maria Lúcia da Silva.

¹⁷ Entrevista concedida pelo funcionário da Faculdade de Medicina da UFCG Severino Jorge de Paulo.

¹⁸ Entrevista concedida pelo funcionário da Faculdade de Medicina de Campina Grande José da Guia Carneiro.

partículas que prejudicam e provocam doenças no indivíduo, pois o estudo dos tecidos tanto sadios como patológicos puderam ser vistos através das lentes microscópicas.

Entretanto, no que se refere aos laboratórios, como o de Anatomia, estes auxiliaram no estudar dos órgãos do corpo humano e seu funcionamento, apresentando, dessa forma, uma mudança de sensibilidade para com o doente, onde o médico não se preocupa apenas com os sinais e sintomas da patologia que atinge o doente, mas também com a parte interna do indivíduo, à qual pôde ser estudada com a ajuda de equipamentos modernos, tais como raios-X e ultrassonografias.

Considerações Finais

Portanto, a Faculdade de Medicina de Campina Grande além de representar um novo símbolo de modernidade, também ocorreu com a sua instalação mudanças no cotidiano da cidade, uma vez que elevou o número de estudantes que vieram estudar nesta cartografia. Todavia, a Faculdade de Medicina continuou servindo a uma pequena parcela da cidade de Campina Grande que faz parte da elite desta cidade e de outros centros urbanos. Além disso, com esta instituição, os médicos locais tentariam diminuir os altos índices de mortalidade, dando uma melhor assistência médica para a sua população, principalmente ao corpo infantil, auxiliando nas campanhas de vacinação contra as doenças que atingiam as crianças nas décadas de 60 e 70, como a varíola ou bexiga e paliomelite.

Dessa maneira, tem-se um novo olhar para com a saúde dos habitantes campinenses, alertando-os para que o indivíduo tenha cuidados com o próprio corpo, buscando, para isso, o auxílio do conhecimento da Medicina. Além disso, com a instalação de uma Escola Médica, Campina Grande passa a ser vista não mais como espaço de repulsão, pois mesmo alguns alunos ainda se deslocando para outros centros urbanos para estudar Medicina, considerando que nem sempre eles obtinham êxito na aprovação do vestibular do curso de Medicina de Campina Grande, mas como espaço de atração de vários estudantes que vieram estudar Medicina nesta cidade para obter o tão sonhado título de Doutor.

Referências

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3^a. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHALHOUB, Sidney *et al*(org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Brasil, 1990.

NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. São Paulo: Oficinas do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

NOBREGA, Humberto. **História da Faculdade de Medicina da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1980.

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho – algumas reflexões sobre a ética na história oral”. In. **Revista Projeto História**. São Paulo, 1997.

QUEIROZ E SILVA, Keila. Sem lenço e sem documento: mulheres de 60, filhas de um novo tempo?. In: **Entre as normas e os desejos: As mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba**. (Dissertação de Mestrado) Recife: UFPE, 1999.